

O CRASTO DE PALHEIROS – MURÇA. CONTRIBUTO PARA O ENTENDIMENTO DO FENÓMENO CAMPANIFORME EM CONTEXTO DOMÉSTICO *

SANDRA BARBOSA**

Resumo

No povoado de *Crasto de Palheiros*, na zona formalmente denominada de *Unidade Interna*, exumaram-se cerâmicas campaniformes. Neste artigo pretende-se efectuar a caracterização arqueológica do material cerâmico exumado nessa zona, bem como procurar entender as possíveis articulações – funcionais ou outras – das cerâmicas campaniformes quer com o restante espólio arqueológico, quer com a área específica onde ocorrem. Esta abordagem efectua-se na perspectiva de acedermos ao significado ou significados socio-económicos e simbólicos que este sítio poderá ter assumido no final do III milénio AC.

Palavras-chave: Crasto de Palheiros, cerâmica campaniforme, contexto doméstico.

Abstract

Bell Beaker ceramics and domestic context: the settlement of Castro de Palheiros (Murça-Portugal) – The Calcolithic site of Castro de Palheiros (Murça) is located on a hilltop of the plains of Mirandela (Trás-os-Montes, Portugal). The hill slopes steeply on its Southern portion, and presents a softer contour in other directions. The contour of the hill allowed the construction of stone structures that grants monumental features to the settlement. The architectonic structures resulted from the multiplication and rebuilding of structures throughout the 3rd millennium BC.

The uppermost portion of the site (the excavation area formerly known as *Internal Unit*) is surrounded by an upward sloping construction (talud) made with stone. This area yielded a wide range of artifacts: lithic material (stone beads, axes and grinding stones), copper objects, and several thousand ceramic fragments (plain, decorated and bell beaker ceramics).

In this article, I will analyze the ceramics yielded by the excavation in the *Internal Unit* area in assess the relationship between the bell beaker ceramics and other archaeological material, as well as the relationship between this type of ceramic and the exclusive area of the settlement where it appears. My goal is to understand the socio-economic and symbolic meaning of the site in the context of the Late Prehistory in northern Portugal.

Keywords: Crasto de Palheiros, Bell Beaker ceramics, domestic context.

1. O CRASTO DE PALHEIROS: ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E GEOMORFOLÓGICO

O Crasto de Palheiros está implantado no maciço de xisto quartzítico mais elevado da «crista» da dobra anticlinal situada a Sudeste da aldeia de Palheiros, no flanco esquerdo da ribeira de Vale da Ria, afluente do rio Tinhela. A sua localização segundo a Carta Militar 1: 25 000, folha 89 obedece às seguintes coordenadas: 41° 24' 03" de latitude; 7° 22' 46" de longitude a oeste de Greenwich; a altitude absoluta é de 593m.

Situado na província de Trás-os-Montes e Alto Douro em plena bacia depressionária de Mirandela, o maciço ocupado pelo povoado eleva-se em pico, em cerca de 50m acima das altitudes médias mais altas do eixo da crista quartzítica, isto é, acima dos 550m. Esta implantação determina que o Crasto se torne um elemento dominante na paisagem.

Na definição de Orlando Ribeiro, Trás-os-Montes Oriental corresponde ao território situado a leste das serras da Padrela / Falperra e Burneira. Consiste numa

região com uma grande diversidade morfológica e climática, decorrente da estrutura geológica e orográfica, que em termos de relevo se traduz na alternância entre montanhas e planaltos que delimitam ora depressões, ora vales muito encaixados frequentemente cortados por cursos de água. Toda esta heterogeneidade provoca o aparecimento de uma alargada variedade de micro-climas, que permitem definir várias regiões naturais marcadas por ecossistemas de cariz mais atlântico ou mais mediterrâneo e que genericamente são integrados no denominado grupo da Terra Fria e grupo da Terra Quente.

O primeiro inclui três zonas climaticamente homogéneas ou seja a Terra Fria de Alta Montanha, a Terra Fria de Montanha e a Terra Fria de Planalto. O segundo abrange os climas da Terra de Transição e os da Terra Quente cujos, limites são difíceis de traçar de forma rigorosa uma vez que existem enclaves de Terra Fria em zonas de Terra Quente e vice-versa.

De um modo grosseiro o grupo da Terra de Transição / Terra Quente domina no território de Trás-os-Montes Oriental, caracterizando-se esta região por

* O presente artigo desenvolve as ideias essenciais da dissertação de Mestrado que apresentámos à Faculdade de Letras do Porto, em 1999

** Arqueóloga do Gabinete de Arqueologia Urbana da Câmara Municipal do Porto.

um clima marcadamente mediterrânico e bastante seco, em parte condicionado pela orografia do território¹, e pela orientação Norte-Sul dos principais cursos de água². Relativamente à bacia depressionária de Mirandela, apesar de não ser definida nos seus contornos pelos geógrafos ou geólogos, coincide em termos gerais com a região natural do Tua. Nela se inclui um vasto território que tem como ponto central a cidade de Mirandela, com a cota mínima de 220m de altitude. Estende-se ainda para Norte ao longo do rio Tua e parte terminal daqueles que lhe dão origem, os rios Tuela e Rabaçal até às altitudes máximas de 500m e para Sul acompanhando o curso do mesmo rio até Abreiro.

Esta região da bacia de Mirandela apresenta uma orografia que não é completamente uniforme, realidade que segundo Vergílio Taborde se deverá provavelmente à presença de materiais menos resistentes à erosão, neste caso os xistos pré-câmbricos. O seu relevo caracteriza-se pela presença de zonas aplanadas e baixas ou colinas muito suaves, cortadas ora por vales mais largos quando o substrato geológico é composto por rochas menos duras, ora por vales mais encaixados no caso da composição do solo integrar quartzitos ou granitos.

Apresenta um clima de influência submediterrânico ou semi-duriense com invernos temperados e verões muito quentes mas, onde a altitude das encostas que definem esta zona deprimida cria variantes que se aproximam quer dos climas mais húmidos de tipo atlântico, quer dos climas mais frios de tipo continental.

Estamos perante uma região de transição que Vergílio Taborde caracterizou como uma zona situada entre os limites norte transmontano e a região duriense participando desta forma numa natureza mista, em que condições especiais de altitude geram aí aspectos peculiares de clima, vegetação e culturas (TABORDE, 1932).

2. CARACTERIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS E ESTRATIGRAFIA DA UNIDADE INTERNA

O Crasto de Palheiros ocupa uma alta arriba que na zona Sul atinge cerca de 30m de altura, caíndo abruptamente sobre uma encosta íngreme, completamente hostil a qualquer tipo de ocupação. Em contra-

partida nas restantes áreas do povoado, o relevo mais suave proporcionou a construção de taludes e outras estruturas pétreas, conferindo ao povoado uma grandiosa monumentalidade. Estas construções não decorreram de um plano arquitectónico prévio e único, mas resultaram do somatório de transformações e reformulações físicas que tiveram lugar ao longo do III milénio AC. Esta fase é denominada de Crasto II (ocupação calcolítica).

Tendo em consideração a topografia do sítio associada à implantação das duas linhas de muralha, convencionou-se denominar a muralha/talude superior e o espaço definido por estes de *Unidade Interna*, por oposição àquela exterior que se circunscreve à plataforma inferior, talude exterior/muralha que é designada de *Unidade Externa*³ (Fig. 1).

Quando no Verão de 1995 se iniciaram os trabalhos⁴ ponderou-se sobre o local de implantação da escavação, optando-se por intervir a partir do topo do povoado, prolongando-a pela encosta voltada a Este até à plataforma inferior (*Unidade Externa*). Esta localização permitiria aceder ao tipo de ocupação que se tinha efectuado no cimo do morro, proceder à sua articulação com o talude edificado por toda a encosta e por último estabelecer uma relação de comparação e se possível de conexão com a *Unidade Externa* no sentido de se caracterizar a evolução ocupacional daquele espaço.

Os dados apresentados neste texto relacionam-se exclusivamente com o estudo da área escavada da *Unidade Interna* entre 1995 e 1997⁵, os quais são datados do calcolítico (Crasto I e II).

2.1. Estruturas

As estruturas detectadas na área escavada da *Unidade Interna* referem-se a lareiras, buracos de poste e às construções acima referidas. Estas consistem numa construção em pedra seca formando um talude que acompanha, regulariza e monumentaliza a encosta natural. Esta arquitectura que se desenha estruturalmente em arcos concêntricos e descentrados, sobrepostos entre si, é composta por pedras de dimensões variadas e bem encaixadas. Assim, entre o arco exterior de pedra e o alinhamento sobre o qual se ergueu a muralha, já na Idade do Ferro, existiam os quatro ou cinco alinhamentos maiores compostos por lajes de tamanho médio ou grande, os quais cons-

¹ A cadeia montanhosa ocidental formada pelas serras do Gêres/Barroso/Alvão/Marão e Montemuro impedem a penetração dos ventos atlânticos.

² Estes também influenciam, ainda que de forma indirecta, o regime de pluviosidade.

³ Desde o início da intervenção que esta distinção faz parte do registo de campo.

⁴ A direcção científica da escavação é de Maria de Jesus Sanches.

⁵ Desde 1995 até 1997 foram escavados na *Unidade Interna* 242m².

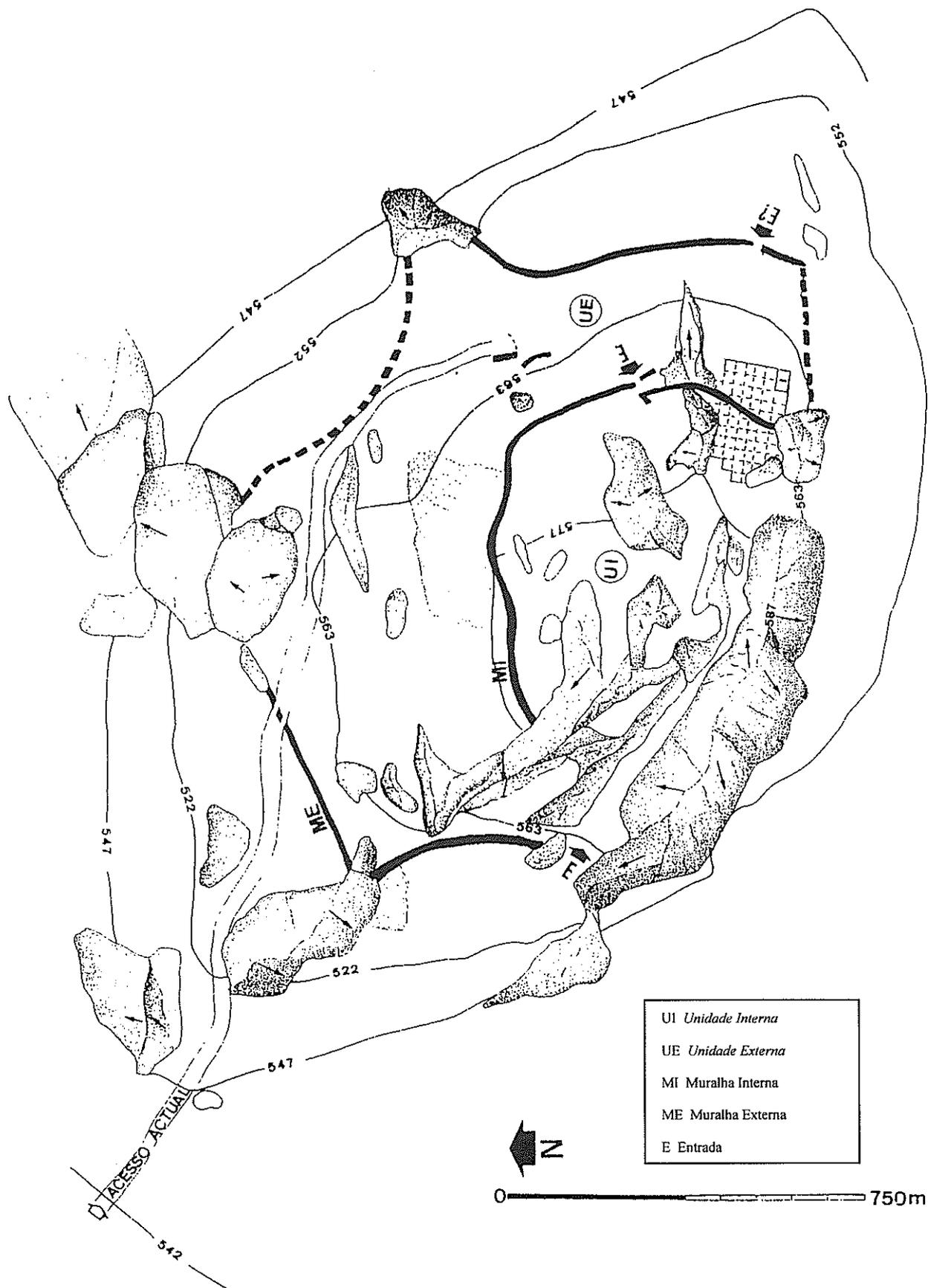


Fig.1 – Localização da Unidade Interna e da Unidade Externa. Implantação da área escavada da Unidade Interna entre 1995 e 1997.

tituíam as linhas nevrálgicas de escoramento da estrutura em rampa e cuja altura original se desconhece. Entre estes alinhamentos definiam-se outros de menores dimensões cuja, funcionalidade pontual também parece ser a de assegurar o reforço da construção em pedra seca (Fig. 2).

Paralelamente a esta construção subvertical, nos quadrados E9 e F9-14 foi construído um Aterro (Lx. 01) e posteriormente um alinhamento⁶. O Alinhamento 0 é composto por pedras de médio e grande calibre formando como que uma escora na parte periférica do aterro, que é constituído por uma terra de textura argilosa, compacta com inclusões de algumas pedras pequenas e material arqueológico extremamente fragmentado e corroído. Este Aterro e a sua cobertura pétrea exterior, proporcionaram o aparecimento de uma pequena plataforma propícia à ocupação. Inicialmente esta área foi ocupada em toda a sua extensão mas, em determinada altura houve uma zona que foi selada através da colocação de uma complexa estrutura pétrea (Lx. 18)⁷ circundada pelo Alinhamento 0. Nestas circunstâncias e por facilidade de expressão optou-se por designar a zona tapada por *área selada*, por oposição à área que permaneceu aberta, *área aberta*.

Convém salientar que em ambas as áreas estiveram por certo presentes dois momentos de ocupação mas, a distinção estratigráfica só foi possível na zona selada devido à existência do empedrado (Lx. 18).

2.2. Estratigrafia

Na área aberta foi identificada uma camada superficial (camada 0) com inclusão de bastante espólio arqueológico. Sob esta camada surge a camada 1, que nesta área apresenta duas composições distintas. Isto é, na zona correspondente aos quadrados D/E12-14 a camada é constituída por uma terra argilosa, castanho escura, integrando extensas lenticulas com terra queimada, carvões, sementes carbonizadas e outros «dejectos», como ossos muito fragmentados e semicalcinados, além de abundante espólio arqueológico de carácter doméstico, enquanto na restante área que permaneceu aberta é composta por uma terra argilosa, castanho clara e mais heterogénea (Fig. 3).

Na *área selada* depois de retirada a complexa estrutura pétrea (Lx.18) que fechou a área doméstica em C9, D/E/F9-10, na fase terminal – Camada 1 / fase 2 – encontrámos uma terra negra, relativamente

homogénea (Lx.20); esta terra negra corresponde provavelmente à fase anterior ao fechamento, isto é ao período em que toda esta zona funcionava em conjunto – Camada 1 / fase 1 –. Em F9-10 sob a base da camada 1, foi ainda possível detectar o aterro (Lx. 01) que se havia identificado nos quadrados F11/12/13/14 e G12/13/14 e que foi construído para se proceder ao nivelamento da área, tal como atrás foi referido (Fig. 4).

No topo da – Camada 1 / fase 1 – surgiu uma estrutura de configuração sublosângica que tinha sido selada pela couraça pétrea. O seu enchimento consistia, da base para o topo, basicamente numa terra negra e argilosa (similar à da camada em que se inseria); do lado Sul continha alguma terra castanha e no topo, mas unicamente na sua metade Leste era coberta de argila (Fig. 4). Não continha, à semelhança da estrutura rectangular encontrada na *área aberta*, nenhum espólio no seu interior. Apenas encostado a ela, no quadrado D9, foi exumado um pequenino vaso esférico inteiro, assim como uma pedra com várias fossetes.

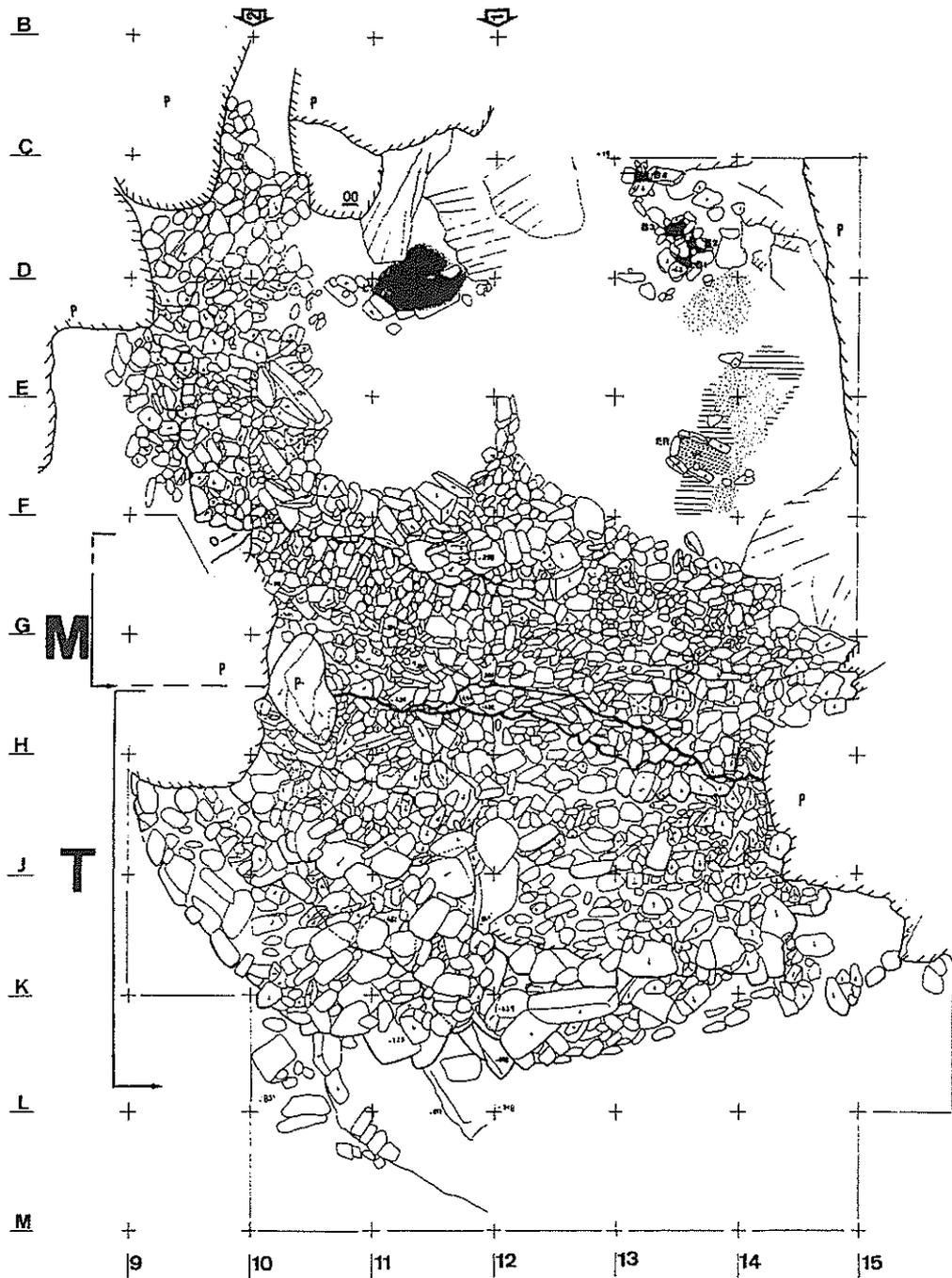
Gostariamos de referir que a camada 1 sobrepõe-se ora à rocha de base, ora ao aterro (Lx.01) e nos quadrados D/E10-11 à própria camada 2.

A camada 2, subjacente à camada 1, ao aterro (Lx. 01) e ao Alinhamento 0, é composta por terra argilosa de coloração amarelada mas, com tendência acinzentada em algumas áreas. Trata-se de uma camada muito residual uma vez que só se conservou nas zonas em que a rocha de base apresentava maiores desníveis, ou onde por casualidade a construção e utilização das estruturas construídas na camada 1 não a «retiraram» completamente. O desmonte total da construção pétrea subvertical, numa largura de dois metros em H12-13, permitiu verificar que a camada 2 não existia sob as construções pétreas do talude pelo que, tal situação nos leva a propor duas hipóteses interpretativas. A construção do talude ter cortado os sedimentos daquela camada ou a camada 2 ter encostado ao talude, sendo este eventualmente anterior à ocupação patente naquela camada. Na camada 2 foram ainda detectados vestígios de uma estrutura de combustão em F12 mas, não foram exumados quaisquer carvões.

Nas quadrículas K/L10-11, L12, L13, M12-13, por debaixo dos arcos contruídos em pedra seca, foi ainda detectada a camada 3 que é constituída por uma terra arenosa, de coloração amarela (Fig. 3). Esta camada

⁶ Este alinhamento foi convencionalmente denominado de Alinhamento 0.

⁷ Nesta escavação além do registo estratigráfico por camadas, também se procedeu ao registo de unidades estratigráficas específicas que são denominadas de «complexos». Estes surgem indicados por Lx. e podem corresponder a uma estrutura, a uma lenticula de argila ou a um nível de incêndio inserido numa camada estratigráfica.



- M – Muralha da Idade do Ferro
 T – Talude
 P – Penedo
 B – Buracos de poste
 L – Lareira
 ER – Estrutura
-  Piso de adobe
 Argila avermelhada
 Terra negra queimada com *CERRUS*

CRASTO/95-6



Fig. 2 – Planta da área escavada da Unidade Interna ao nível da camada 1 nos anos de 1995 e 1996.

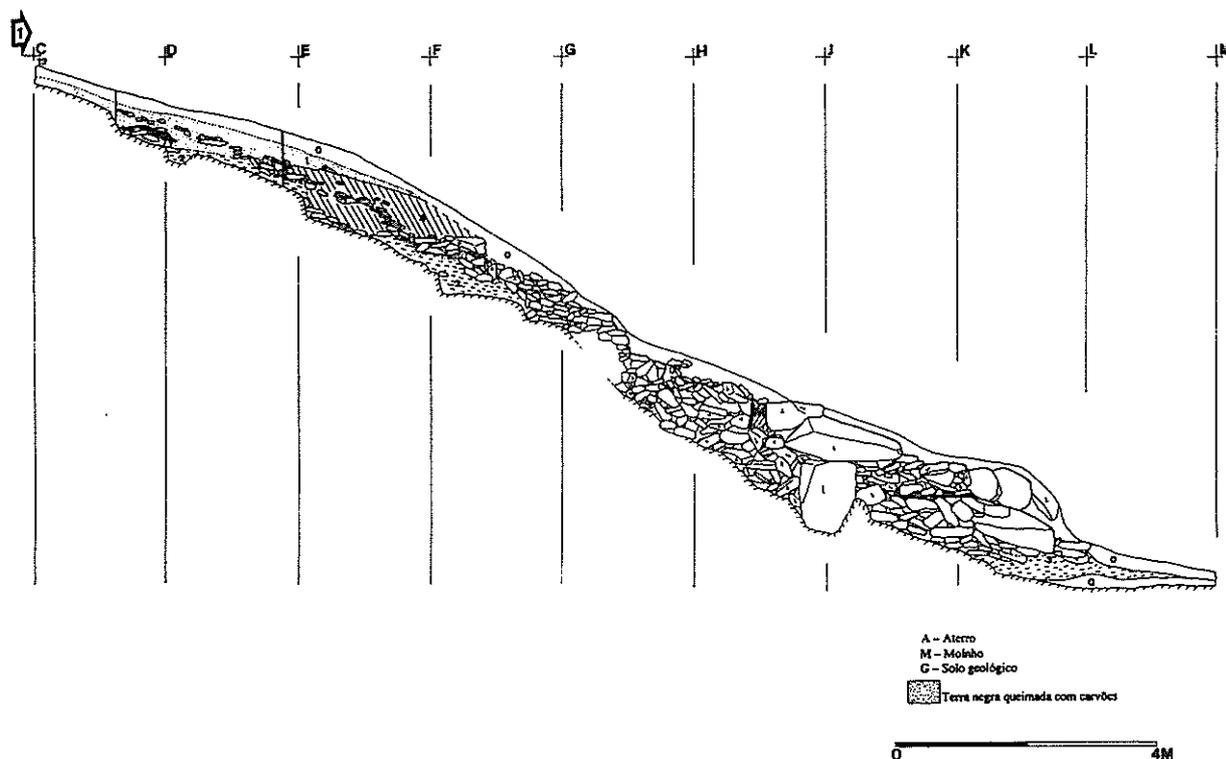


Fig. 3 – Corte estratigráfico I. Área aberta.

na zona em que foi identificada não continha nenhuma estrutura de combustão. Contudo, ela poderá ser interpretada como pertencente a um momento de ocupação anterior à construção do talude e provavelmente à monumentalização do sítio. Deste modo e de acordo com os dados recolhidos, parece-nos plausível propôr para esta zona uma ocupação anterior à construção do talude, a qual estratigraficamente se relaciona com a camada 3 e eventualmente com a camada 2. Posteriormente à construção do Aterro (Lx.01) ocorre uma outra ocupação que se materializa na camada 1 e se desenvolve em duas fases. A fase 1 em que toda a área é ocupada e a fase 2 em que parte da zona é selada por uma complexa couraça pétrica (Lx.18), cuja parte exterior se expressa no Alinhamento 0.

3. MATERIAL CERÂMICO

3.1. Metodologia

A intervenção arqueológica realizada no Crasto de Palheiros permitiu a recolha de 5826 mil fragmentos cerâmicos que foram objecto de um estudo arqueográfico e morfotécnico sistemático, no sentido de elabo-

ramos classificações e tipologias que proporcionassem a obtenção de um instrumento analítico que permitisse a resolução de problemas mais vastos.

Todos nós sabemos que o trabalho taxonómico é uma construção abstracta e teórica, que não pode ser confundida com a realidade, desenvolvendo-se aquele em duas etapas fundamentais por um lado a classificação que é o resultado «de uma observação elementar e empírica das propriedades formais e técnicas dos objectos» e por outro, a tipificação «em que é necessário proceder a uma hierarquia de atributos prévia e criteriosamente seleccionados, que permitam definir, e assim distinguir um tipo dos restantes»; reunindo cada tipo padrões diferentes de atributos (VILAÇA, 1995:42).

Deste modo, os atributos seleccionados para presidirem à classificação podem ser de vária ordem mas, neste caso concreto optámos por escolher aspectos intrínsecos ao recipiente, privilegiando a sua componente tecnológica e morfológica, muito embora também fossem integrados critérios estilísticos e funcionais.

Na tentativa de ultrapassar a subjectividade inerente à classificação e tipificação procuramos ainda articular este trabalho com outros anteriormente já elaborados para a região⁸, bem como tentamos proce-

⁸ A tipologia que se propõe assenta basicamente nos critérios propostos para outros trabalhos efectuados na região (JORGE, S., 1986 e SANCHES, M., 1997).

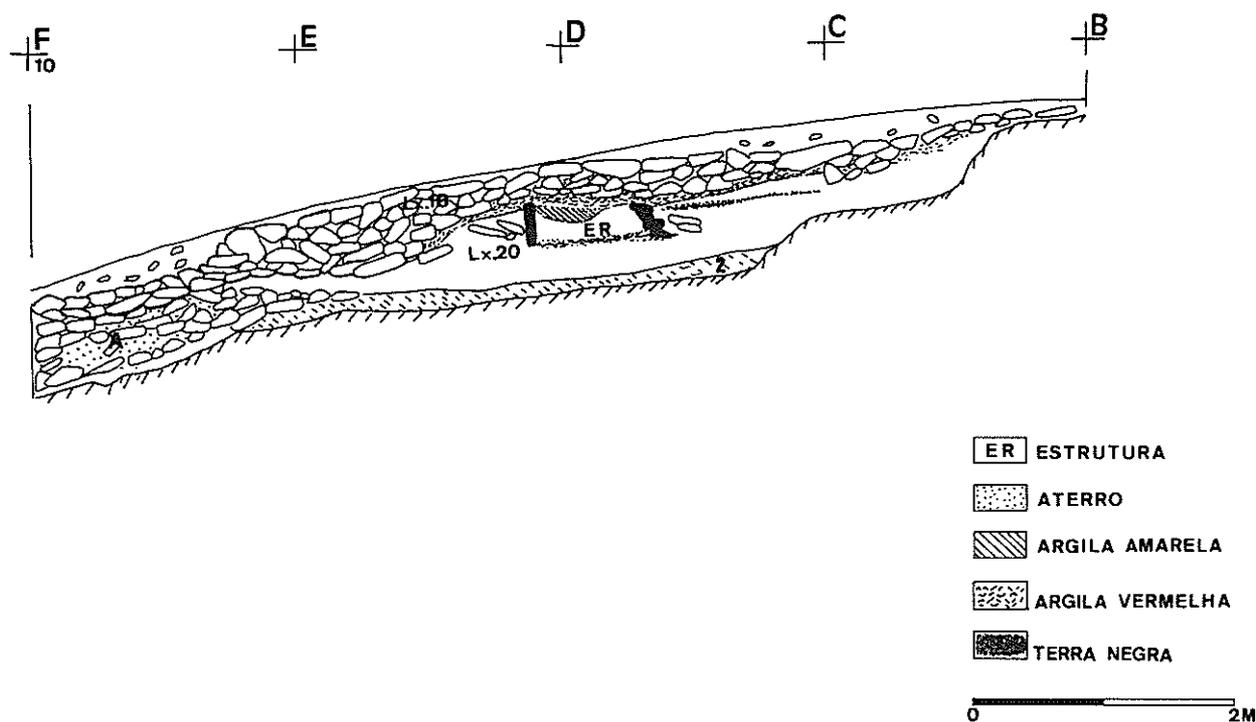


Fig. 4 – Corte estratigráfico 2. Área selada.

der à clarificação dos critérios seleccionados com o objectivo de os dotar de uma certa replicabilidade ⁹.

3.2. Caracterização técnica, morfológica e estilística

Ao nível da análise técnica dos materiais recolhidos nas camadas 0, 1 (*área aberta / área selada*), 2, 3 e Lx.01 (Aterro) não verificamos a ocorrência de grandes diferenças. Em todas elas e no que diz respeito ao tipo de desengordurante, predominam os elementos não plásticos grossos, seguidos dos de tipo médio, enquanto os de tipo fino apresentam sempre percentagens bastante inferiores.

Relativamente ao tipo de textura predominam esmagadoramente as texturas compactas face às texturas homogéneas. Em todas as camadas denota-se a ocorrência de uma certa proporcionalidade entre a percentagem

de elementos não plásticos finos e as texturas de tipo homogéneo. As texturas de tipo friável detêm sempre uma percentagem muitíssimo baixa, e a camada que apresenta o valor mais elevado é a camada 2.

No que diz respeito ao tipo de tratamento, verificamos que nos recipientes as superfícies alisadas dominam em todas as camadas, seguindo-se-lhe as superfícies polidas. Inclusivamente na camada 1 *área aberta* chama-se a atenção para o elevado número de recipientes com superfícies interiores polidas.

Ao nível dos fragmentos a situação altera-se um pouco ou seja as superfícies alisadas continuam a dominar em todas as camadas mas, relativamente aos restantes tipos de tratamento ocorrem diferenças. As superfícies rugosas aumentam a sua representatividade e as superfícies polidas têm um decréscimo considerável. Esta análise comparativa entre recipientes e fragmentos ¹⁰, indica-nos que os recipientes polidos

⁹ Para se proceder ao estudo da amostra cerâmica foram considerados treze parâmetros que passamos a enunciar: tipo de desengordurante, textura, tratamento de superfícies, cor, espessura média das paredes, tipos morfológicos, medida, índices de profundidade e de abertura, volume e capacidade, técnicas decorativas, organizações decorativas e extensão da decoração. Este último critério acabou por deixar de ser contemplado, uma vez que a elevada fragmentação do espólio condicionou a nossa abordagem.

¹⁰ Na análise efectuada, aqueles fragmentos que não foi possível relacionar com recipientes específicos, foram objecto de um estudo técnico; sempre que existia decoração fez-se referência à técnica de execução e quando possível à organização decorativa. Assim no tratamento estatístico foram elaborados gráficos em que figuram apenas os fragmentos que se articulam com recipientes e em paralelo gráficos onde estão incluídos o total de fragmentos da respectiva camada, cujo somatório inclui o total de fragmentos que entraram na reconstituição gráfica mais o total de fragmentos que não foram atribuíveis a nenhum recipiente particular. O objectivo desta abordagem prende-se com a necessidade de tentarmos diminuir as distorções que a descrição fragmento a fragmento implicam e sobretudo procurarmos articular as informações obtidas a partir dos recipientes (que se remetem genericamente para a parte superior do vaso) com as conseguidas a partir da análise dos restantes fragmentos, que se reportam frequentemente para a zona da pança ou base.

seriam de dimensões reduzidas uma vez que no cômputo geral dos fragmentos a sua presença é pouco significativa.

Ainda relacionado com o tratamento das superfícies salientamos a elevada percentagem de cerâmicas corroídas no complexo Lx.01 (aterro), o que nos poderá indiciar que o material recolhido neste contexto arqueológico poderá ter sido objecto de sucessivos revolvimentos inerentes à construção da própria estrutura.

Na cor quer ao nível dos recipientes, quer ao nível dos fragmentos predomina a cor avermelhada¹¹, seguida da acastanhada. A esta regra, ocorre uma excepção que se relaciona com o facto de nos recipientes da camada 1 da *área selada*, a cor acastanhada dominar ligeiramente, face à cor avermelhada. As restantes cores, em todas as camadas consideradas, têm uma representatividade pouco significativa e a sua presença é mais notória ao nível dos fragmentos que dos recipientes. Esta situação leva-nos a concluir que um recipiente ao longo do corpo tem diferentes cores, as quais resultaram certamente dos diferentes tipos de uso a que esteve sujeito.

No que concerne à espessura dominam as paredes de tipo médio, seguidas das paredes finas, enquanto as paredes de espessura grossa são pouco representativas. Ao nível dos recipientes este tipo de espessura só foi detectado na camada 1 na *área aberta*, e mesmo ao nível dos fragmentos o seu número é exíguo, o que nos leva a supôr que os poucos exemplares identificados provavelmente poderão corresponder à base de recipientes incluídos no tipo de espessura média.

A análise técnica dos materiais recolhidos nas diversas camadas sugere-nos uma forte tradição cultural ao nível do fabrico dos recipientes, a qual seria transmitida de forma cuidada de geração para geração.

No que diz respeito aos tipos morfológicos, a análise efectuada permitiu-nos a criação de 12 tipos¹², muitos dos quais com variantes. A análise comparada dos recipientes graficamente reconstituídos, das diferentes camadas, permitiu-nos constatar a ocorrência de formas tradicionais (algumas de tradição neolítica, vasos semi-esféricos), em associação com formas evolucionadas (carenadas) que parecem indiciar diferen-

tes momentos ou fases de ocupação que ficaram materializados no registo arqueológico.

Assim, nas ocupações correspondentes às camadas 3 e 2, identificámos apenas a presença das formas morfológicas denominadas de tradicionais e que correspondem aos tipos 2, 3, 4 e 5. Pelo que estas camadas corresponderiam provavelmente a uma ocupação mais antiga, e no caso da camada 3, seguramente anterior à monumentalização da encosta interna. Quando passamos para a análise do material cerâmico da camada 1 continuamos a verificar a ocorrência destes tipos morfológicos associados a tipos novos, que se relacionam com os recipientes campaniformes (tipo 9, 10, 11) e com aqueles do tipo 8 (vasos carenados).

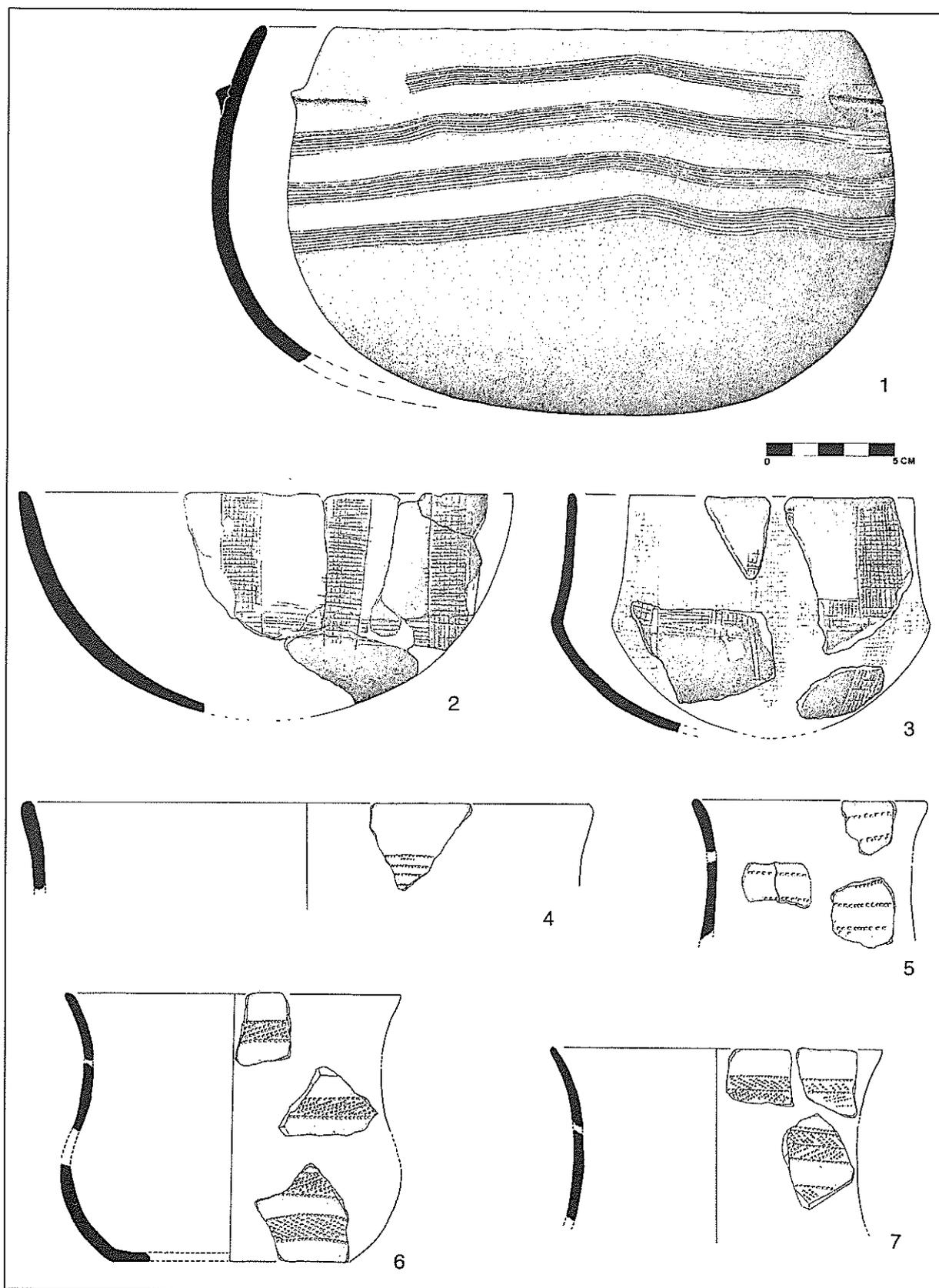
Ao nível da capacidade dos recipientes, a análise comparada dos recipientes da camada 2 e dos da camada 1 – *área aberta/área selada* – demonstra-nos que não ocorrem diferenças substanciais dentro de cada tipo. Nas duas camadas predominam os recipientes que se integram no grupo dos recipientes muito pequenos (Camada 2 – quinze exemplares, camada 1 *área aberta* – trinta e um exemplares e *área selada* – trinta e quatro exemplares). Seguem-se-lhes na camada 2 e na camada 1 na *área aberta*, os recipientes minúsculos e depois os de categoria pequena, enquanto na *área selada* surgem os recipientes de categoria pequena e só depois os minúsculos. Recipientes com dimensões superiores a 20 litros só foram identificados dois na camada 2 e um na camada 1, na *área aberta*.

Relativamente às técnicas de decoração, a decoração «penteada» domina em quase todas as camadas, à excepção da camada 3 em que se verifica a predominância da técnica da incisão e a impressão penteada está ausente. As próprias organizações decorativas identificadas nesta camada sugerem-nos uma tradição decorativa diferente das ocupações subsequentes, em que a impressão «penteada» já está presente (camada 2) e depois domina (camada 1).

Na camada 2 e na camada 1 *área aberta/área selada*, a técnica de incisão surge em segundo lugar, seguida da técnica de puncionamento. Mas é ao nível das técnicas de decoração e das organizações decora-

¹¹ Parece-nos conveniente salientar, que a cor avermelha por vezes pode não corresponder à cor natural do recipiente mas relacionar-se com a lixiviação, sobretudo da cor negra decorrente do uso, fazendo exhibir a natureza argilosa e consequentemente avermelhada do barro.

¹² O tipo 1 e 2 corresponde aos recipientes de forma esférica simples alongados e/ou achatados, boca muito fechada no tipo 1 e menos fechada no tipo 2. O tipo 3 ainda incluído no tipo genérico dos esféricos é comumente designado por taça alta. O tipo 4 define o grupo das taças propriamente dito, o tipo 5 integra os recipientes de perfil sinuoso, corpo esférico ou ovóide mas provido de colo. Tipo 8 compreende os recipientes levemente fechados de carena média baixa, corpo tronco-cónico e fundo convexo. Tipo 9 integra a caçoila campaniforme que apresenta perfil sinuoso caracterizado por um colo bem marcado. Tipo 10 compreende recipientes de forma acampanulada com colo e perfil sinuoso. Tipo 11 integra recipientes de perfil sinuoso, com esboço de curvatura ou carena baixa, mais ou menos acentuada e fundo convexo. Tipo 12 integra os recipientes abertos de corpo subcilíndrico, de tendência tronco-cónica. Tipo 13 recipiente bojudo, colo muito desenvolvido com perfil pouco anguloso e fundo possivelmente plano. Tipo 14 recipiente bojudo, colo bem marcado mas pouco desenvolvido e fundo possivelmente plano.



1 – Recipiente com decoração «pentead»; 2 – Recipiente com decoração incisa; 3 – Recipiente carenado com decoração incisa; Recipientes campaniformes: 4 e 5 – Pontilhado linear; 6 e 7 – Variante *herringbone*.

tivas que se detectam as principais diferenças entre as três camadas consideradas. Na camada 3 a técnica de impressão «penteada» não foi identificada e a técnica de incisão predomina face à técnica de puncionamento. Relativamente às camadas 2 e 1 (*área aberta/área selada*) a diferença mais substancial que se verificou prende-se com o facto, de a impressão campaniforme apenas estar presente na camada 1 (*área aberta/área selada*).

No que diz respeito às organizações decorativas verificámos que na camada 3 apenas se detectaram quatro tipos de organizações; dois tipos são específicos desta camada e os outros dois foram identificados na camada 2.

Na camada 2 as organizações decorativas que compreendem uma faixa paralela ao bordo, conseguida mediante a sequência horizontal de linhas incisas, de puncionamentos e impressões ou com triângulos, são as mais significativas. A organização decorativa que emprega exclusivamente a impressão «penteada», embora estando presente, não é muito significativa.

Na camada 1 verifica-se o aparecimento de novas organizações decorativas, com destaque para a decoração campaniforme. Aliado ao aparecimento deste novo tipo, também surge ao nível da decoração «penteada» um novo subtipo cuja sequência horizontal de bandas decoradas alternam com bandas sem decoração, assemelhando-o ao campaniforme de tipo marítimo.

Sintetizando o que aqui foi exposto relativamente à análise do material cerâmico das várias camadas, julgamos ser importante reter duas ideias fundamentais. Por um lado a ocorrência de uma continuidade entre a camada 2 e a camada 1 que se revela fundamentalmente ao nível da presença de tipos morfológicos de filiação do neolítico e de algumas organizações decorativas. Por outro, associada a esta continuidade, surgem descontinuidades que se traduzem no aparecimento na camada 1 – *área aberta/área selada* – de novas formas convencionalmente denominadas de evolucionadas que se relacionam directamente com os recipientes carenados (tipo 8) e com os vasos campaniformes (tipo 9, 10, 11), e de novas organizações decorativas.

Na generalidade podemos afirmar que na camada 1 os tipos morfológicos mais afectados pela decoração são os recipientes campaniformes e os carenados, estando a maioria dos exemplares profusamente decorados. De um modo geral as organizações decorativas mais representativas encontram-se presentes nos diversos tipos morfológicos reconstituídos graficamente, não se detectando a ocorrência de relações de especificidade entre tipo morfológico/tipo de organização decorativa. Os únicos casos excepcionais em que se verifica uma relação directa entre o tipo morfo-

lógico e o tipo de organização decorativa é na cerâmica campaniforme.

4. DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA CERÂMICA CAMPANIFORME

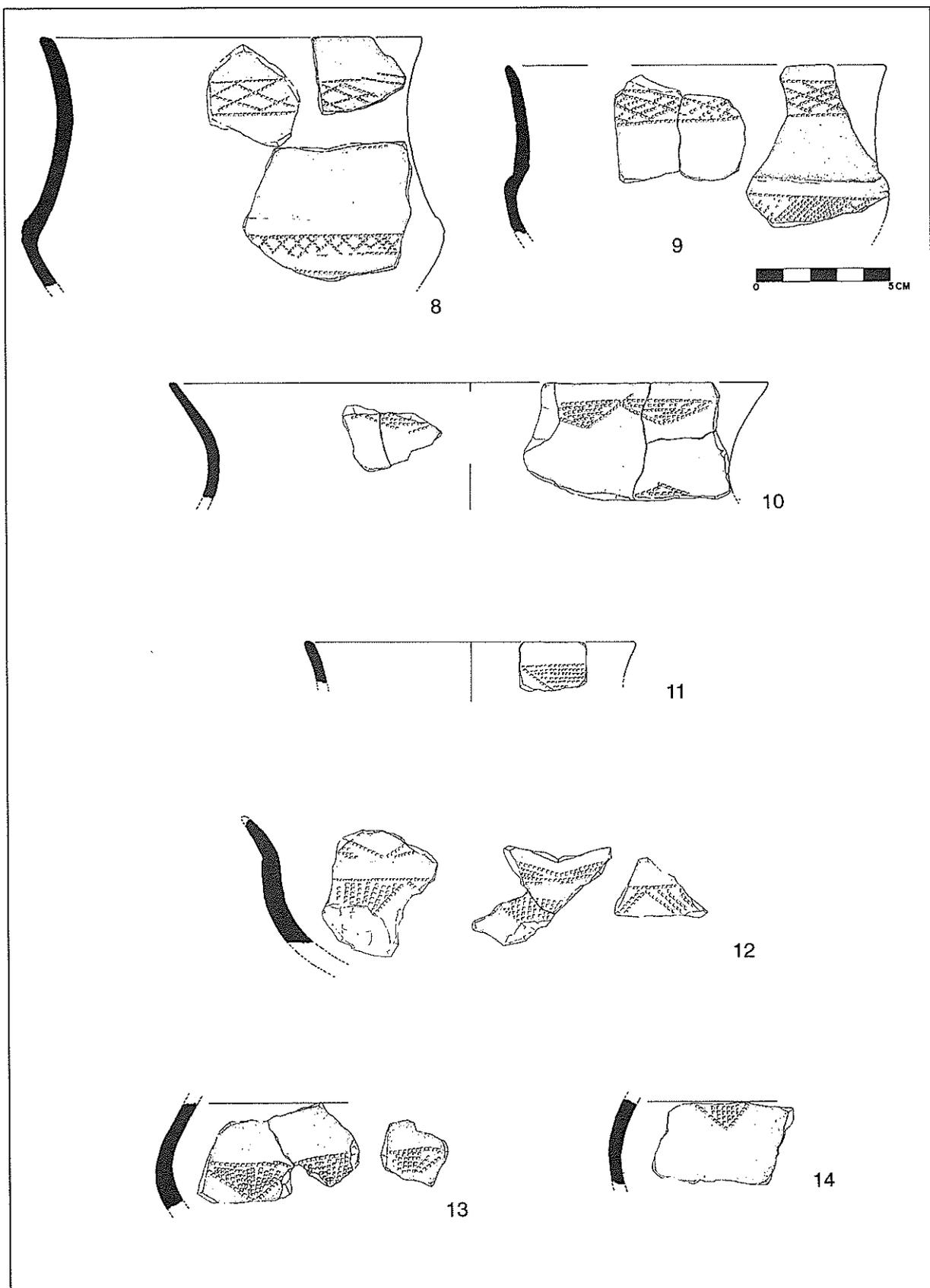
Relativamente à cerâmica campaniforme do Crasto de Palheiros, destaque-se que até à data ela foi identificada apenas na Camada 1 da *Unidade Interna*. Encontrava-se dispersa por toda a zona, não sendo perceptível nenhuma conexão com as estruturas existentes neste nível. Estas correspondem a alguns buracos de poste e a duas estruturas de dimensões muito reduzidas, uma de configuração rectangular e outra sublosângica. O seu enchimento não permitiu retirar qualquer ilação no que diz respeito à sua funcionalidade.

Dos sessenta fragmentos cerâmicos campaniformes recolhidos, apenas uma pequena parcela permitiu a reconstituição gráfica de recipientes. Reconstituíram-se catorze vasos mas, a apreciação das organizações decorativas presentes permitiu-nos supôr a existência de mais quatro recipientes, fazendo um total de dezoito vasos

As pastas integram desengordurantes constituídos por grãos de quartzo predominantemente de tipo fino (até 1mm), embora em alguns exemplares se tenha verificado a inclusão de elementos não plásticos médios e grossos. A textura homogénea domina face à textura compacta. No tratamento, as superfícies alisadas e as superfícies exteriores polidas e interiores alisadas encontram-se equitativamente distribuídas, seguindo-se as superfícies exteriores e interiores polidas.

No que se refere à coloração, nos recipientes a cor avermelhada domina seguida do castanho mas, no grupo dos fragmentos, as superfícies exteriores castanhas e interiores negras detêm uma representação significativa. Ao nível da espessura quer nos recipientes, quer nos fragmentos, dominam esmagadoramente as paredes finas. Os catorze recipientes reconstituídos graficamente correspondem a três tipos morfológicos e respectivas variantes. Os recipientes de tipo 9 caracterizam-se por apresentarem um perfil sinuoso e um colo bem marcado (dois exemplares). Os vasos de tipo 10 apresentam um perfil bastante sinuoso mas simultaneamente suave, com colo mais longo na *v. B* (sete exemplares) do que na *v. A* (dois exemplares). Nos recipientes de tipo 11 (três exemplares) denota-se a presença de carenas mais ou menos acentuadas que tornam os perfis mais angulosos do que os obtidos no tipo 10.

Morfológicamente as cerâmicas campaniformes estão associadas a dois grandes grupos de formas. Por um lado aos tipos morfológicos tradicionais, consti-



Recipientes e fragmentos campaniformes: 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14 – Pontilhado geométrico

tuidos por recipientes esféricos, de corpo tendencialmente óvoide e calotes simples. Por outro lado ao grupo das formas evolucionadas que integram os recipientes carenados, levemente fechados, com fundo plano convexo. Esta forma tipológica (tipo 8), à semelhança dos campaniformes, foi apenas detectada na camada 1.

A técnica decorativa utilizada foi essencialmente a impressão pontilhada com matriz denteada de pontas quadrangulares, apenas se detectando um exemplar com decoração incisa, de tipo Ciempozuelos.

Em termos de organizações decorativas podemos distinguir dois grupos fundamentais, o primeiro grupo que é composto por zonas decoradas contínuas através de linhas ou bandas paralelas horizontais. O segundo grupo caracteriza-se por ter como motivo básico em toda a organização decorativa, o triângulo. Este é delimitado por uma linha impressa e o seu interior é preenchido por linhas impressas, paralelas entre si, dispostas na horizontal ou na vertical. Por vezes estes triângulos encontram-se delimitados por bandas impressas em sequência horizontal.

Do ponto de vista estilístico podemos afirmar que os campaniformes até agora identificados, se integram genericamente no denominado complexo marítimo, ou mais concretamente nas suas variantes *herringbone*, linear, no pontilhado geométrico e no inciso, tipo Ciempozuelos.

A variante linear segundo Harrison, corresponde a uma derivação do estilo marítimo, variante *Herringbone* encontrando-se amplamente expandida no ocidente peninsular com especial destaque para a Galiza. Esta variante na Península Ibérica concentra a sua presença sobretudo na zona oriental ou nordeste. No Norte de Portugal este estilo foi ainda identificado na anta de Chafé (LOPES, E., 1986), na mamoa 1 da Chã de Carvalhal (CRUZ, 1983), entre outras.

Por sua vez, o pontilhado geométrico foi uma designação criada por G. Moreno e retomada por Delibes de Castro. Genericamente, esta variante corresponde à associação da técnica de pontilhado com motivos geométricos (triângulos, zigzagues, etc.), privilegiando o gosto pela sequência aditiva horizontal. O pontilhado geométrico é normalmente interpretado como uma derivação estilística do pontilhado marítimo, embora possa na maioria dos casos, ter coexistido com aquele ou mesmo persistido com estilos mais tardios.

O campaniforme inciso, tipo Ciempozuelos, na *Unidade Interna* do Crasto de Palheiros está representado apenas por um fragmento que não permitiu a reconstituição gráfica de recipiente. Contudo, a sua organização decorativa permite-nos integrá-lo no tipo 10c, que Delibes definiu como a organização decorativa que se caracteriza pela presença de zigzagues triplos (DELIBES; 1977).

5. A CERÂMICA CAMPANIFORME E O SEU SIGNIFICADO NA INTERPRETAÇÃO SOCIO-ECONÓMICA E SIMBÓLICA DO CRASTO DE PALHEIROS NO FINAL DO III MILÉNIO AC

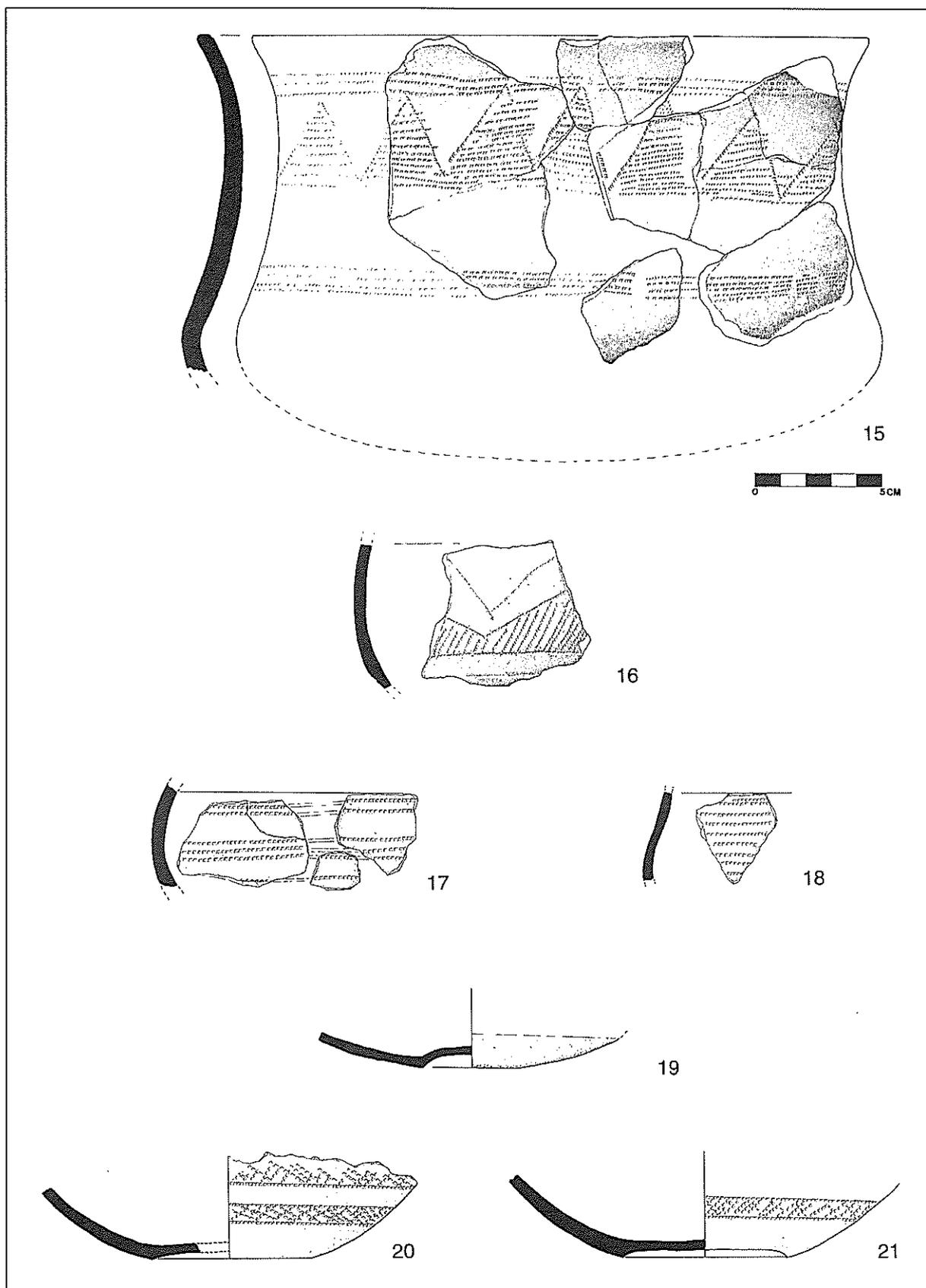
O período correspondente ao III milénio caracteriza-se frequentemente por uma fase de enormes transformações, cuja marca fundamental é a proliferação de povoados que cremos serem predominantemente sedentários. Estes locais apresentam uma grande variabilidade de localizações topográficas, surgindo implantados em remates de esporão sobre zonas abertas ou vales encaixados; no rebordo montanhoso de montes de altitude média ou no topo de pequenos montes de perfil cónico (SANCHES, 1996).

Associada a esta diversidade de implantação, alguns destes locais foram objecto de intensas e diversificadas construções arquitectónicas que conferiram aos recintos uma imponente monumentalidade. Estamos assim, perante povoados que parecem articular-se com a emergência de novas formas de apropriação e utilização do território. Intensos investimentos nas actividades agro-pastoris proporcionam o aparecimento de ocupações contínuas em territórios geográfica e conceptualmente mais limitados, geridos por grupos ainda pouco hierarquizados ou politicamente não centralizados (JORGE, S., 1999).

Terá sido neste cenário de transformação que o Crasto de Palheiros terá começado a ser objecto de uma intensa monumentalização mediante a edificação de enormes taludes pétreos que forram toda a encosta Sudeste e Este, estendendo-se inclusivamente por toda a plataforma inferior e cobrindo em determinado «momento» os vestígios da ocupação anterior. Assiste-se assim a uma intensa remodelação do espaço, a qual ao longo da escavação não se tornou perceptível se teria obedecido a uma planificação prévia ou se resultaria de acrescentos sucessivos em função das vontades e/ou necessidades dos seus habitantes.

Uma questão que frequentemente nos surge quando nos interrogamos sobre a ocupação deste local é o da sua função. Isto porque verificamos que é precisamente na altura em que o povoado está a sofrer mais transformações/construções e conseqüentemente a impôr um maior investimento de trabalho que ocorre uma redução do espaço dito «habitacional». Nestas circunstâncias parece-nos plausível colocar a hipótese, de que além das funções inerentes à ocupação redutoramente denominada de doméstica estes povoados podem ter desempenhado um papel aglutinador de uma identidade. Pelo que no processo de construção e monumentalização deste sítio interviriam populações que não habitariam o local, mas estariam a ele ligadas.

Em articulação com esta fase de monumentalização foi encontrada na *Unidade Interna* do Crasto de



Recipientes e fragmentos campaniformes: 15, 16, 20 e 21 – Pontilhado geométrico; 17 – Pontilhado de bandas; 18 – Pontilhado linear; 19 – Liso

Palheiros cerâmica campaniforme clássica, bem como alguns recipientes decorados segundo uma técnica local (impressão «penteada») mas, com uma temática e organização decorativa que parece imitar a organização sequencial do campaniforme marítimo. Deste modo o alógeno valor social/conceptual inerente ao design daquelas cerâmicas vai transformar-se localmente por imposição de uma técnica decorativa que neste período terá adquirido um elevado peso socio-identitário ao nível regional.

Quando procuramos abordar o significado que a cerâmica campaniforme e/ou «imitações» possam ter desempenhado no Crasto de Palheiros são muitas as hipóteses que emergem. Esta diversidade resulta do facto de ela se poder relacionar com várias «actividades», cuja natureza decorre eminentemente da identificação do «cenário» a que a mesma está ligada. Este cenário é composto por elementos fixos (estruturas arquitectónicas), semi-móveis e móveis, e são precisamente estes dois últimos tipos que melhor o definem. Todavia, no caso da arqueologia coloca-se-nos um problema, uma vez que lidamos sobretudo com acumulações de elementos semi-móveis e móveis que tendo funcionado em momentos diferentes, constituíram certamente cenários diferentes (VALERA, 1997). Esta situação decorre do facto de as actividades além de estarem organizadas no espaço também o estão no tempo (RAPOPORT, 1990), e é o estabelecimento de conexões entre ambos que as torna intelegíveis. As actividades realizam-se num sistema de cenários que progressivamente têm de ser contextualizados.

Tomando a globalidade do registo arqueológico e apesar de todas as dificuldades que temos em aceder ao tipo de funcionalidades que este espaço possa ter comportado, concluímos que a variedade artefactual e as estruturas presentes se relacionam com tarefas de cariz «doméstico» não revelando indícios de segregação espacial. Tal sugere a ausência de uma organização que imponha uma irrefutável demarcação do espaço em função de determinadas acções, pelo que estamos perante uma área multifuncional ou polivalente do sítio.

Contudo se analisarmos os resultados da *Unidade Interna* em articulação com os dados da *Unidade Externa*¹³, para o Calcolítico, verificamos que apesar

de existir uma grande similitude ao nível da cultura material, há também particularidades inerentes a cada uma das áreas. Uma das mais notórias relaciona-se com o material cerâmico e com o facto de na *Unidade Externa* terem sido identificados vasos carenados (tipo 8) com decoração incisa¹⁴ não tendo sido aí encontrado, até ao momento, nenhum fragmento de cerâmica campaniforme. Esta surge exclusivamente na parte superior do povoado. Esta situação leva-nos a supor que esta zona terá tido ao nível da organização espacial interna do sítio e das próprias actividades que ali ocorreram um papel especial na conceptualização deste lugar.

Relativamente ao tempo, as datas de C14 obtidas até agora para a área escavada da *Unidade Interna*, levantam-nos algumas interrogações. De uma lareira situada na *área aberta* foi datada uma amostra de carvão, cujo resultado é CSIC 1319–3727 ± 39 BP, ou seja, 2270-1980 AC em datas calibradas para 2 sigma (SANCHES, 1997). Por sua vez, na *área selada* a análise de uma amostra de carvão facultou a obtenção de uma data correspondente a CSIC 1280–4087 ± 34 BP, ou seja, 2800-2500 AC em datas calibradas para 2 sigma¹⁵.

Nestas circunstâncias, e em face dos dados apresentados, constatamos que a ocupação doméstica não pode ser excluída. Contudo se atendermos às imponentes construções pétreas empreendidas no local em associação com a presença de recipientes campaniformes, teremos de considerar que se trata de uma ocupação de excepção num sítio que terá constituído um marco fundamental na estruturação da paisagem local.

Numa época em que os territórios se tornam mais circunscritos haveria a necessidade de recorrer a «pacotes» de elementos que garantissem a identidade de uma comunidade ou de uma elite em ascensão. Pelo que ao nível da decoração cerâmica poder-se-ia desenvolver um estilo específico que veiculasse a representação de uma identidade. Mas em simultâneo, as elites que geriam esse território teriam a necessidade de assimilar formas padronizadas para assim reforçar o seu estatuto no seio da comunidade, e em simultâneo criar laços de inter-relação com as elites das comunidades vizinhas. Nesta sequência o estilo desempenha-

¹³ Os dados da *Unidade Externa* foram objecto de uma tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras em 1999, da autoria de Isabel Bettencourt Amorim e intitulada *Crasto de Palheiros (Murça). As ocupações da Pré-História e da Proto-História da plataforma inferior*.

¹⁴ Tal como na *Unidade Interna* também na *Unidade Externa* relaciona-se este tipo morfológico com a fase de monumentalização do sítio. Na *Unidade Interna* tem a particularidade de surgir associado à cerâmica campaniforme.

¹⁵ Esta data foi-nos amavelmente comunicada por M. Sanches, a quem desde já agradecemos. No que se refere às datas, poderíamos colocar a hipótese de que a amostra a partir da qual se obteve a datação para a *área aberta* pudesse ter estado sujeita a algumas contaminações, pelo que estaríamos tentados a valorizar a data proveniente da *área selada*, a qual inclusivamente é contemporânea da ocupação do Buraco da Pala como armazém/celeiro. Todavia dado o facto de só possuímos duas datas, as quais estatisticamente não se recobrem, optamos por obter mais datações para então, abordarmos e sobretudo debatermos esta questão de forma mais consistente e se possível num âmbito mais alargado, nomeadamente a nível regional.

ria um papel efectivo na expressão e negociação de identidade (individual ou colectiva), adquirindo aquilo que Sackett denominou de valor iconológico (SACKETT, 1990). A adopção de estilos altamente padronizados e standardizados poderia associar-se à necessidade de se proceder ao estreitamento de certo tipo de relações à distância ou de alianças entre elites supra-regionais¹⁶, enquanto a adopção da tradição estilística regional (impressão «penteada») adaptada ao princípio organizativo inerente aos padrões campaniformes, poderia vislumbrar a necessidade de uma elite reforçar o seu estatuto no seio da comunidade ou com as comunidades imediatamente vizinhas.

No Norte de Portugal a presença de cerâmica campaniforme clássica reporta-se sobretudo aos contextos funerários. Até à data ela surgiu em nove sepulcros¹⁷ (monumentos com *tumulus*) e três povoados de ar livre¹⁸. Contudo a presença desta cerâmica nos povoados ou em contextos que têm algo de «doméstico» não deverá ser interpretada simplesmente como uma «desvalorização» ou perda de estatuto mas, deverá ser entendida mediante a abordagem correlacionada de diversas variáveis integradas em sistemas sociais contextualizados a diferentes escalas.

Nesta perspectiva a presença da cerâmica campaniforme na *Unidade Interna* do Crasto de Palheiros, não poderá ser interpretada apenas como um mero elemento de consumo ao serviço de uma elite mas, terá de ser analisada numa associação dialéctica com o espaço em que surge e as próprias estruturas arquitectónicas aí existentes. Esta necessidade advém do facto destes elementos poderem ser componentes fulcrais na conceptualização deste sítio e do seu papel estruturante na organização do espaço regional bem como das relações sociais que ali ocorriam.

Contudo estas interpretações que nos surgem sobre a cerâmica campaniforme, o seu significado e o papel sócio-económico e simbólico do Crasto de Palheiros no final do III milénio AC são sempre multifacetadas. Esta situação prende-se com a óptica em que a abordagem é efectuada, e sobretudo com a realidade contextual em que a queiramos situar. Mas esta é uma

ideia geral que se aplica tanto ao estudo do passado, como do próprio presente.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Carlos *et al.* (1998) – «Biogeografia de Portugal Continental». *Quercetea*, Vol. 0, Bragança, Instituto Politécnico de Bragança.
- AGROCONSULTORES E COBA (1991) – *Carta dos Solos, Carta do Uso Actual da Terra e Carta de Aptidão da Terra do Nordeste de Portugal* («Memórias» e «Anexos» policopiados), UTAD.
- AMORIM, Isabel Bettencourt (1999) – *Crasto de Palheiros (Murça). As ocupações da Pré-História e da Proto-História da plataforma inferior*. Dissertação de Mestrado, Porto, FLUP, (policop.).
- BARBOSA, Sandra (1999) – *O Crasto de Palheiros – Murça. Contributo para o entendimento do fenómeno campaniforme em contexto doméstico no Norte de Portugal*. Dissertação de Mestrado, Porto, FLUP, (policop.).
- CARDOSO, João Luís; Carreira, Júlio (1996) – «Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, p. 317-340.
- CARDOSO, João Luís (1997) – *O povoado de Leceia. Sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia e Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, João Luís (1997) – «Génese, apogeu e declínio das fortificações calcolíticas da Extremadura», *Zephyrus*, vol. L, Salamanca, ediciones Universidad, p. 249-261.
- CARREIRA, Júlio Roque (1998) – «A ocupação da Pré-História recente do Alto de Chibanes (Palmela), Setúbal», *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 3/4, Lisboa, Colibri, p. 123-213.
- CHAPMAN, R. (1991) – *La formación de las Sociedades Complejas. El Sureste de la Península Ibérica en el Marco del Mediterráneo Occidental*, Barcelona, Crítica.
- CONKEY, Margaret (1990) – «Experimenting with style in archaeology: some historical and theoretical issues», in CONKEY, M. W.; HASTORF, C. A., (eds), *The Uses of Style in Archaeology*, New Directions in Archaeology, Cambridge, Cambridge University Press, p. 5-17.
- DELIBES, G. (1977) – «El vaso Campaniforme en la Meseta Norte Española», *Studia Archaeologica*, 46, Valladolid, Fac. de Filosofía e Letras.
- DIAS, M. I. *et al.* – «Tecnologias de produção e proveniência de matéria-prima das cerâmicas campaniformes da Fraga da Pena (Formos de Algodres – Portugal)», in JORGE, V. O. *et al.* (coords.), *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 4, Porto, ADECAP, p. 253-268.
- EARLE, Timothy (1990) – «Style and iconography as legitimation in complex chiefdoms», in CONKEY, M. W.; HASTORF, C. A., (eds), *The Uses of Style in Archaeology*, New Directions

¹⁶ Esta ideia está presente no estudo que Plog efectuou no sentido de verificar se existia uma correlação entre a variação dos padrões estilísticos e as mudanças no campo social e cultural. Esse estudo permitiu-lhe constatar que a grande diversidade estilística relacionada com o baixo coeficiente de covariação entre atributos, parece reflectir um grande dinamismo nas relações sociais, enquanto a uma estabilidade estilística corresponde uma alta covariação de atributos ao longo do tempo, que parece articular-se mais com a estabilidade dos sistemas sociais. Inclusivamente na sua análise encontra um estilo muito padronizado, denominado de Dogozhi, que Plog relaciona com o estreitamento de relações à distância ou de alianças entre elites regionais.

¹⁷ Dólmen da Barrosa (Caminha), Anta de Chafé (Viana do Castelo), Mamoa de Guilhabreu (Vila do Conde), Mamoa nº 2 de Outeiro de Ante (Baião), Mamoa I de Chã de Carvalhal (Baião), Monumento I das Madorras (Sabrosa), Mamoa I de Carvalhos (Boticas), Chã de Arcas (Arcos de Valdevez), Mamoa I do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro).

¹⁸ Povoado da Pastoria (Chaves), Tapado da Caldeira (Baião) e Crasto de Palheiros (Murça). Relativamente à estação do Tapado da Caldeira levantam-se alguns óbices no que se refere à interpretação da cerâmica campaniforme, uma vez que o povoado foi parcialmente destruído pela implantação da necrópole do Bronze Tardio, não tendo sido possível detectar-se níveis de ocupação preservados que fornecessem indicações sobre as estruturas existentes no local e a sua articulação com materiais domésticos (JORGE, S., 1986).

- in *Archaeology*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 73-81.
- HARRISON, R. J. (1977) – *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*, American School of Prehistoric Research / Peabody Museum, Bul. 35, Cambridge, Harvard University.
- HODDER, Ian (1982) – *Symbols in Action. Ethnoarchaeological studies of material culture*, Cambridge, Cambridge University Press.
- HODDER, Ian (1990) – «Style as historical quality», in CONKEY, M. W.; HASTORF, C. A., (eds), *The Uses of Style in Archaeology*, New Directions in Archaeology, Cambridge, Cambridge University Press, p. 44-51.
- INGOLD, Tim (1990) – «Introduction to Culture», *Companion Encyclopedia of Anthropology. Humanity, Culture and Social Life*, Ingold, T.ed., Routledge, p. 329-349.
- JORGE, Susana Oliveira (1986) – *Povoados da Pré-história recente da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar*, (3vols.), Porto, Instituto de Arqueologia da FLUP.
- JORGE, Susana Oliveira (1994) – «Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico Peninsular», *Revista da Faculdade de Letras*, II série, Porto, FLUP, p. 447-546.
- JORGE, Susana Oliveira (1998) – «Castelo Velho de Freixo de Numão (Vº Nº de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação», in *Actas do colóquio A Pré-História na Beira Interior*, vol. VI, Viseu, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, p. 279-293.
- JORGE, Susana Oliveira (1999) – *Domesticar a terra*, *Trajectos Portugueses* 45, Lisboa, Gradiva.
- KUNST, Miguel (1980) – «Bell Beaker sherds in Zambujal», *Bell Beaker of Western Mediterranean*, (The Oxford International Conference, 1986), B.A.R. International Series, 331, p. 591-609.
- KUNST, Miguel (1996) – «As cerâmicas decoradas do Zambujal e o fascamento do calcolítico da Estremadura Portuguesa», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, p. 257-286.
- PLOG, S. (1980) – *Stylistic variation in prehistoric ceramics. Design analysis in the American Southwest*, Cambridge, Cambridge University Press.
- PLOG, S. (1990) – «Sociopolitical implications of stylistic variation in the American Southwest», in CONKEY, M. W.; HASTORF, C. A., (eds), *The Uses of Style in Archaeology*, New Directions in Archaeology, Cambridge, Cambridge University Press, p. 61-72.
- RAPOPORT, A. (1990) – «Spatial organization and the built environment», *Companion Encyclopedia of Anthropology. Humanity, Culture and Social Life*, Ingold, T.ed., Routledge, p. 460-502.
- RIBEIRO, O., LAUTENSACH, H. (1987) – *Geografia de Portugal. 1. A posição geográfica e o Território*, [org. e actual. Susanne Daveau], Lisboa, Sá da Costa.
- RIBEIRO, O., LAUTENSACH, H. (1988) – *Geografia de Portugal. 2. O Ritmo Climático e a Paisagem*, [org. e actual. Susanne Daveau], Lisboa, Sá da Costa.
- SACKETT, J. R. (1990) – «Style and ethnicity in archaeology: the case for isochrestism», in CONKEY, M. W.; HASTORF, C. A., (eds), *The Uses of Style in Archaeology*, New Directions in Archaeology, Cambridge, Cambridge University Press, p. 32-43.
- SANCHES, Maria de Jesus, BARBOSA, Sandra (1995) – *Crasto de Palheiros – Murça. Relatório das escavações*, apresentado ao IPPAR e aprovado.
- SANCHES, Maria de Jesus, BARBOSA, Sandra (1996) – *Crasto de Palheiros – Murça. Relatório das escavações*, apresentado ao IPPAR e aprovado.
- SANCHES, Maria de Jesus (1996) – *Ocupação Pré-histórica do Nordeste de Portugal*, Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques.
- SANCHES, Maria de Jesus (1997) – *Pré-História recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto regional*, (2 vols.), Porto, SPAE.
- SANCHES, Maria de Jesus, BARBOSA, Sandra, AMORIM, Isabel (1997) – *Crasto de Palheiros – Murça. Relatório das escavações*, apresentado ao IPPAR e aprovado.
- TABORDA, V. (1932) – *Alto de Trás-os-Montes. Estudo Geográfico*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- VALERA, A. C. (1997) – *O Crasto de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): Aspectos da Calcolitização da Bacia do Alto Mondego*, Textos Monográficos, Fornos de Algodres, Câmara Municipal de Fornos de Algodres.
- VALERA, A. C. (1997) – «Fraga da Pena (Sobral Pichorro, Fornos de Algodres). Uma primeira caracterização no contexto da rede local de povoamento», *Estudos Pré-históricos*, vol. V, Viseu, p. 55-84.
- VALERA, A. C. (2000) – «O fenómeno campaniforme no Interior de Portugal: o contexto da Fraga da Pena», in JORGE, V. O. et al. (coords.), *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 4, Porto, ADECAP, p. 269-290.
- VILAÇA, Raquel (1995) – «Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze», *Trabalhos de Arqueologia*, vol.9, Lisboa, IPPAR.
- WIESSNER, Polly (1990) – «Is there a unity to style?», in CONKEY, M. W.; HASTORF, C. A., (eds), *The Uses of Style in Archaeology*, New Directions in Archaeology, Cambridge, Cambridge University Press, p. 105-112.